

Por uma cartografia de controvérsias culturais – o caso dos rolezinhos

Andre Stangl¹

Resumo: O Artigo explora as possibilidades de uma Cartografia de Controvérsias Culturais (CCC), inspirada na Cartografia de Controvérsias presente na Teoria ator-rede da Bruno Latour, que a princípio mapeia os debates nos domínios técnicos e científicos. Partindo da controvérsia sobre os “rolezinhos” tentaremos testar como a CCC pode nos ajudar a criar novas pontes para o dialogo e a convivência.

Palavras-chave: teoria ator-rede, cartografia de controvérsias, cultura digital

1 Doutorando PPGCOM-ECA-USP / astangl@usp.br

Segundo Bruno Latour, devemos dar atenção a um novo desafio: Como ilustrar as diferentes formas de entender um mesmo assunto? Como formamos um consenso? Como tomamos uma decisão? Pensando originalmente para estudar as controvérsias técnicas e científicas, o desafio da cartografia de controvérsias (CC) é organizar as informações de modo a permitir que diferentes coletivos e agrupamentos, com interesses diversos, consigam deliberar sobre esses assuntos.

Como, em outras palavras, reencontrar uma objetividade que não repousa mais em uma admiração silenciosa, mas em uma gama de opiniões conflitantes sobre as versões contraditórias dos mesmos problemas? Como podemos relacionar essas versões a fim de obter uma opinião? Essa é a questão do que eu chamo de cartografia das controvérsias científicas e técnicas. (LATOURE, 2007, p. 83)².

Assim, inspirado na proposta da CC, o presente artigo apresenta uma adaptação da estratégia de cartografia focada nos debates do domínio cultural. Pois encarar mais amplamente esses debates sem reduzi-los apenas ao plano do simbólico, levando em conta seus desdobramentos ontológicos, pode ser uma forma de reencontrar ou reinventar novos caminhos diplomáticos para a convivência entre agrupamentos e associações diversas. Lembrando que é um dos cuidados da Teoria ator-rede (ANT)³ e justamente não limitar essas associação apenas aos humanos. Uma cartografia das controvérsias culturais também deve olhar para os não-humanos envolvidos no debate, sejam eles tecnologias, espécies, locais, práticas, etc.

Cartografar as redes⁴ que atuam em uma polêmica cultural pode ser uma forma de deslocar nossas caixas-pretas⁵ culturais, abrindo novas possibilidades de entendimento sobre pontos que parecem indiscutíveis. A “cultura” pode ser entendida como um híbrido⁶ que tentamos estabilizar através de preconceitos, cânones, padrões estéticos, bom gosto, identidades, tradições,

2 No original: “Comment, autrement dit, retrouver une objectivité qui ne repose plus sur un silence admiratif, mais sur la gamme des avis contradictoires portant sur les versions opposées des mêmes enjeux? Comment parvenir à nouer ces versions pour pouvoir se faire un avis? Tel est l’enjeu de ce que j’appelle la cartographie de controverses scientifiques et techniques.” (Trad. Jamille Pinheiro Dias)

3 Adoto a sigla ANT, do original em inglês Actor-network theory para preservar a referência às formigas (ant em inglês). Uma metáfora que se demonstra rica e inspiradora para compreender a Teoria ator-rede.

4 Como alerta Latour, sua concepção de rede não se limita às redes sócio-técnicas, ou a internet, pois as redes de associações antecedem a criação das web. (LATOURE, 2012a, p. 207).

5 A metáfora da caixa-preta é usada por Latour para ilustrar todo conceito (ou ideia) aparentemente estabilizado (portanto “indiscutível”) sobre algum fenômeno (ver LATOURE, 2000).

6 Segundo Latour os híbridos desmontam “a ilusão moderna de que é possível isolar o domínio da natureza, das coisas inatas, do domínio da política, da ação humana” (SZTUTMAN, LATOURE E MARRAS, 2005).

nacionalismos, etc. Essas seriam algumas das caixas-pretas que podem se abrir quando surgem as controvérsias culturais. Para fazer a cartografia podemos partir das polêmicas retratadas no jornalismo cultural, ou de casos que primeiro repercutem nas redes digitais, sejam discussões sobre qualidade, gosto, relevância, ou valor de obras ou manifestações culturais, o que importa é a existência de um debate, de preferência acalorado sobre o tema, como a questão das cotas raciais ou sociais; ou a reação a um beijo gay em uma novela; ou a repercussão das declarações do cantor Ed Motta; ou a suposta pedofilia de Woody Allen e como isso afetaria a recepção de sua obra; ou a influência da grande mídia (Globo, Veja, etc. muitas vezes chamadas de PIG), na formação do gosto e da opinião pública; ou a questão das biografias e o limite entre privacidade e liberdade de expressão; ou as implicações estéticas, pedagógicas e ideológicas de fenômenos como funk ostentação; etc. São temas que geralmente envolvem grandes discussões, mas que nem sempre parecem ajudar na compreensão mais ampliada do que foi debatido. Em geral esse tipo de tema divide a opinião entre grupos a favor ou contra, que semelhantes a torcidas de futebol, se recusam a considerar a posição contrária, esgotando a possibilidade racional (ou relacional) do debate.

Seria essa uma característica desse tipo de enunciação? Os jogos de linguagem relacionados ao universo cultural estariam fadados a gerar debates sem fim, ou finalidade? Eternamente presos nos labirintos do relativismo cultural/simbólico? Como nos lembra Latour,

O relativismo cultural só é possibilitado pelo sólido absolutismo das ciências naturais. Tal é a posição padrão nos intermináveis debates que se travam, por exemplo, entre a geografia física e a geografia humana, a antropologia física e a antropologia cultural, a psiquiatria biológica e a psicanálise, a arqueologia social e a arqueologia material, e assim por diante. Há unidade e objetividade de um lado, multiplicidade e realidade simbólica do outro. (LATOUR, 2012a, p. 173)

Talvez a Cartografia ajude a traçar rotas, não de soluções, ou respostas mais verdadeiras que outras sobre essas questões, mas no sentido de apontar saídas mais interessantes e enriquecedoras para todos os envolvidos. Se olharmos para a história, parece que a “cultura” enquanto expressão artística sempre envolveu grandes polêmicas, sejam: os livros queimados de James Joyce, as declarações de Jonh Lennon sobre Cristo, as divergências (ou não) entre Lobão e Caetano, a

apreciação(ou não) do lepo-lepo do Psirico, ou do maxixe, ou do urinol de Marcel Duchamp, etc. Mesmo quando se trata da cultura enquanto identidade, ou tradição, basta ver a intensidade dos debates sobre as questões territoriais dos quilombolas e dos indígenas. Para nossa Cartografia, a repercussão da polêmica no entorno do actante artístico/cultural pode ser um bom indicativo do alcance e das possibilidades de conseguirmos seguir os rastros de todos os envolvidos.

Assim, é importante lembrar que o sentido da Cartografia não é fechar uma explicação sobre os fenômenos culturais, mas ajudar a traçar novas rotas, ajudando a visualizar outras perspectivas. Como faz o aplicativo Waze⁷, quando nos ajuda a visualizar as diversas marcações dos usuários no mapa. No entanto, a rota escolhida sempre será a combinação de seus interesses, enquanto motorista, as sugestões do Waze e as ocorrências não previstas durante o caminho.

Cartografando a cartografia

Segundo André Lemos, a cartografia de controvérsias (CC) nos ajuda a desenhar um quadro onde podem ser representadas as diversas posições e relações sobre algum tema polêmico, desmembrando o papel dos actantes⁸ humanos e dos não-humanos. E quem sabe, assim, ajudando a organizar objetivamente a busca por um consenso, ainda que temporário. A objetividade desse consenso então se daria no em torno da atenção distribuída dos diversos coletivos, cabendo à CC ilustrar as mediações mostrando as transformações e os deslocamentos. Para ele, a CC:

É o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o “social” aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. A visibilidade da rede se dá nas controvérsias. (...) É pelas controvérsias que vemos o social em sua tensão formadora, em seu “magma”, como prefere Venturini (LEMOS, 2013, p. 55).

O trabalho de refazer as associações, ilustrando suas posições na rede de relações que configuram uma controvérsia também é uma forma de buscar estabilizações. Mas sem almejar ser o juiz da controvérsia, sem apresentar soluções, apenas indicando as direções possíveis. Como diz

7 Aplicativo para smartphones que usa a geolocalização dos usuários e a informação colaborativa sobre o trânsito como base para traçar rotas alternativas menos congestionadas.

8 Actante é um termo da linguística de Greimas, que pode indicar esse híbrido de ator e rede que ratreamos nas cartografias.

Lemos, “onde há estabilização, só há intermediários. Onde há controvérsia, há mediadores, actantes” (Ibid., p. 105). Por isso, a CC é uma forma de buscar documentar os movimentos e os deslocamentos entre intermediação e mediação.

A controvérsia é o momento ideal para revelar a circulação da agência, a mediação, as traduções entre actantes, a constituição de intermediários, as relações de força, os embates antes de suas estabilizações como caixas-pretas (Ibid., p. 106).

Com isso conseguimos rastrear se há algum tipo de agenciamento ou influência mais determinante de algum actante, mas só durante as controvérsias conseguimos perceber a rigidez das caixas-pretas. No entanto, no calor do debate, muitas vezes elas se desestabilizam, deixando sua função, quase invisível, de intermediária e assumindo a posição de mediadora, ou seja assumindo sua ação.

Enquanto “magma”, as relações não estão nem no estado líquido (onde ainda não temos actantes, apenas indiferenciação), nem sólido (onde só temos caixas-pretas, resolução e estabilização) [...] Controvérsias resistem às reduções e apontam sempre para inúmeros fatores. Elas aparecem na desestabilização, quando o que estava no fundo, imperceptível e estabilizado, passa para a frente da cena, colocando o problema em evidência e gerando novas mediações [...] Os fenômenos que merecem ser escolhidos para CC são justamente aqueles em que os actantes ainda não estão harmonizados. Onde as traduções estão vivas, quentes, em movimento, onde a circulação é mais intensa e inacabada (Ibid., p. 106-111).

Na CC, os pesquisadores não precisam tentar ser imparciais, pois em muitos casos, eles são também actantes na rede que compõe o debate cartografado. Como diz Lemos: “O que se entende por objetividade nada mais é do que o conjunto mais ou menos estável de olhares sobre um determinado objeto ou fato 'social'” (Ibid., p. 111). Assim a CC não deve se limitar à perspectiva conceitual do pesquisador (seu campo, domínio, ou área), ou mesmo a uma posição espacial (global ou local), o que poderia impedir os diversos actantes de aparecer e sustentar suas posições na intrincada rede de recomposição e recombinação desenhada na CC (VENTURINI, 2010 e 2012).

Os rastros de uma controvérsia, cultural ou não, podem ser seguidos através da cobertura da mídia, na web, no Twitter, na blogosfera, no Facebook (LEMOS, 2013, p. 120). Mas não se pode esquecer que “toda percepção de rastros é, ao mesmo tempo, produção”. Quando identificamos um debate, de alguma forma alimentamos esse debate com nossa atenção, e isso deve ser levado em conta na cartografia, mas isso não torna a pesquisa mais ou menos relevante. O pesquisador não

precisa inventar uma controvérsia, mas ela precisa ser reconhecida como tal. Também não é o pesquisador que diz quando ela começa, nem quando termina. Mas como diz Lemos, “ela é finalizada quando os actantes conseguem estabelecer um compromisso de viverem juntos, quando não há mais conflitos” (Ibid., p. 113).

Podemos dizer que a CC é uma tentativa de ajudar a reagrupar o social a partir dos rastros deixados pelos mediadores no momento das transformações e dos deslocamentos, quando os conceitos que ajudam a formar a identificação dos coletivos, ainda estão vivos e aquecidos. Mas se queremos respeitar a pluralidade desses agrupamentos a especificidade das situações redesenhadas não podem ser estereotipadas ou generalizadas, o que descaracterizaria a complexidade do curso da ação. Como diz Lemos: “Os actantes querem sair das controvérsias e a tendência é resolverem suas diferenças na formação de caixas-pretas, como se o futuro das redes e das associações fosse a estabilização” (Ibid., p. 114). Ainda que se reconheça a importância dessas estabilizações na composição do mundo comum, não se deve esquecer de sua transitoriedade, sem isso caímos nos fundamentalismos, nos determinismos e na impossibilidade de qualquer diálogo.

Podemos notar que no domínio da cultura, algumas controvérsias são cíclicas, é como se parte do seu movimento, do seu modo de existência, fosse alternar entre intermediar e mediar as diversas formas de recomposição do magma social. Como lembra Lemos: “Mediadores sempre lutam para diminuir a complexidade do social” (Ibid., p. 114). Por outro lado, as controvérsias surgem e parece que nada pode impedi-las de surgir. Restando-nos apenas aprender com elas novas formas de conviver.

No presente artigo tentaremos mostrar as etapas de uma Cartografia de Controvérsias Culturais e ilustrar a estratégia, seguindo os rastros do caso dos rolezinhos.

Etapas da Cartografia de controvérsias culturais (CCC)

As etapas⁹ apresentadas nesse artigo são uma adaptação experimental do roteiro indicado no

9 Essas etapas estão disponíveis no site <http://www.astangl.net/pesquisa/?page_id=22> com todos os links para as ferramentas apresentadas.

site do Macospol Platform Tutorial¹⁰ e da proposta conceitual desenvolvida por Venturini (2010 e 2012). Além de se inspirar nas alternativas desenvolvidas por outros pesquisadores¹¹, proponho 12 passos para a Cartografia de Controvérsias Culturais (CCC).

Passo 1 - Temperatura¹²

O primeiro passo é identificar a temperatura da controvérsia. Se for um tema quente, será fácil encontrar debates e relatos nas redes sociais e nos principais jornais. Basta pesquisar no Google e no Google News. E se for uma controvérsia mais antiga, pode-se buscar no banco de dados da Folha, Estadão, Globo, A Tarde, Wikipédia, etc.

Passo 2 - Visualização

Visualizar o alcance e os desdobramentos da controvérsia nas redes digitais.

O software Gephi é a opção mais completa e complexa de visualização, mas também é possível usar algum serviço de indexação e análise a partir de hashtags no Twitter (por exemplo, Twitonomy, Topsy, Trendsmap, etc). Ou pesquisar a repercussão na internet usando o Google trends. Se for uma controvérsia mais antiga, ou envolvendo algum autor específico, pode ser usar o Google Books Ngram Viewer.

Passo 3 - Cronologia

Criar uma timeline/cronologia da controvérsia. Se for possível, já fazendo algum tipo de classificação. Usar alguma ferramenta como o tiki-toki ou timetoast.

Passo 4 - Diagrama ator-rede

Criar uma visualização gráfica que identifique as principais fontes de posições e oposições sobre a controvérsia. Usar algum tipo software de mapa mental, como o mindmeister ou examtime.

Passo 5 - Desdobramentos

Tendo como base o diagrama ator-rede identificar os sub-temas relacionados com a controvérsia. É como uma segunda camada ou um segundo momento do fenômeno estudado.

Passo 6 - Fronteiras

Originalmente pensado como uma forma de identificar no diagrama ator-rede os riscos envolvidos em uma controvérsia científica, por exemplo, os riscos à saúde humana no caso dos transgênicos. Mas, no caso das controvérsias culturais, poderia ser as situações onde existem risco de violência física ou simbólica. Ou seja, em que situações e locais essa controvérsia pode gerar

10 Ver: <<http://mappingcontroversies.net/Home/PlatformTutorial>>.

11 Ver <http://www.astangl.net/pesquisa/?page_id=22>

12 Com exceção do primeiro passo, não existe necessariamente uma ordem a ser seguida.

discursos violentos? Por exemplo: intolerância e palavrões nos comentários, nos fóruns, nas redes, nos bares, etc.

Passo 7 - Micro-discursos

Uma curadoria de frases, comentários, debates e memes sobre a controvérsia. Tendo como base as redes sociais, como Twitter, Facebook, etc. para investigar o que as pessoas estão dizendo sobre a controvérsia. Pode-se usar a busca do próprio sistema, pesquisas em sua própria timeline e rede de amigos. Para criar uma visualização gráfica dos discursos pode-se usar o wordle.

Passo 8 - Macro-discursos

Uma curadoria das principais opiniões na grande mídia, ou de “formadores de opinião” envolvidos e interessados na controvérsia (empresas, coletivos, tribos urbanas, etc.). Também pode-se usar o wordle.

Passo 9 - Geolocalização

Criar um mapa, usando o Google maps engine, localizando geograficamente os eventos e os atores relacionados com a controvérsia.

Passo 10- Glossário

Um glossário de termos específicos usados na controvérsia.

Passo 11- Acervo

Um espaço para reunir conteúdos relacionados com a controvérsia. Links, vídeos, imagens, reportagens, artigos, etc.

Passo 12- Apresentação

Todos os passos anteriores devem ser reunidos em algum tipo de publicação digital, que ajude a visualizar os diversos aspectos da controvérsia. A forma mais prática é usar algum gerenciador de conteúdos como Wordpress ou Blogger, mas dependendo do tipo de controvérsia pode-se montar um Pinterest ou um Tumblr com as principais imagens relacionadas à controvérsia, por exemplo.

Cartografia dos rolezinhos

Para exemplificar, a estratégia da cartografia de controvérsias culturais vamos escolher um fenômeno recente e bastante curioso, os rolezinhos. Em 7 de dezembro de 2013, um encontro de jovens mobilizado via Facebook reuniu aproximadamente 6.000 garotos e garotas no shopping Metrô Itaquera, na periferia de São Paulo. Chamou atenção a emergência e a velocidade com que os jovens foram se agrupando no espaço físico da entrada do shopping, testemunhas disseram lembrar

um formigueiro. A aglomeração, que aparentemente tinha intenções pacíficas, acabou gerando tumulto e violência, além disso, acabaram ocorrendo vários outros episódios semelhantes em diversas cidades do país. O fenômeno ficou conhecido como **rolezinho** e alimentou grandes debates nas redes digitais e na grande mídia¹³.



Ao todo, já são 23 eventos, em vários estados, movimentando mais ou menos 15 mil jovens até meados de 2014. Mesmo agora, em 2015, quando a repercussão parece menor e a grande mídia deixou de dar atenção ao fenômeno multiplicam-se os casos em cidades do interior e até em Portugal existem relatos de agrupamentos semelhantes, que por lá são chamados de *meet*.

Assim, depois dessa breve introdução sobre o fenômeno podemos seguir com os passos da cartografia.

Passo 1 - Temperatura

O termo rolezinho, que era praticamente inexistente nos jornais antes de dezembro de 2013, tornou-se uma expressão recorrente. Em pouco menos de 6 meses já eram mais de 500 matérias e reportagens nos principais jornais: Folha (206 textos), Estadão (234 textos), Globo (115 textos). Isso sem mencionar as reportagens de Tv e revistas semanais. Não há dúvidas sobre a temperatura da controvérsia e mesmo agora, em 2015, apesar das tentativas de proibição e de inibir os eventos, o

¹³ Estão reunidas no site da pesquisa, algumas das principais reportagens - <http://www.astangl.net/rolezinhos/>

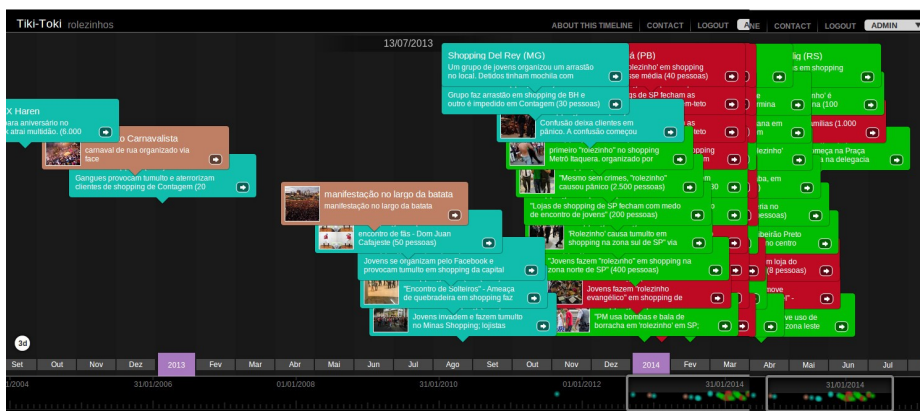
debate tem retornado, principalmente por conta das questões legais envolvendo o fenômeno.

Passo 2 – Visualização

Segundo o monitoramento¹⁴ realizado, em janeiro de 2014, pela agência A2 Comunicação/Scup, em 16 dias foram quase 26 mil postagens¹⁵ sobre os rolezinhos no Twitter, Facebook e Instagram. Segundo o estudo, do total de mensagens monitoradas, 71% foram classificadas como neutras, 23%, negativas e 6%, positivas. O compartilhamento de notícias e reportagens sobre os rolezinhos representa 9% das menções analisadas. Com 7% estão as declarações de autoridades e políticos, e com 2% postagens que fazem referências à violência.

Passo 3 e 9 – Cronologia e Geolocalização¹⁶

Usando o banco de dados dos principais jornais, identifiquei 50 eventos¹⁷. Organizei uma cronologia interativa¹⁸, como links para imagens, vídeos e reportagens.



**Timeline/cronologia
dos Rolezinhos**

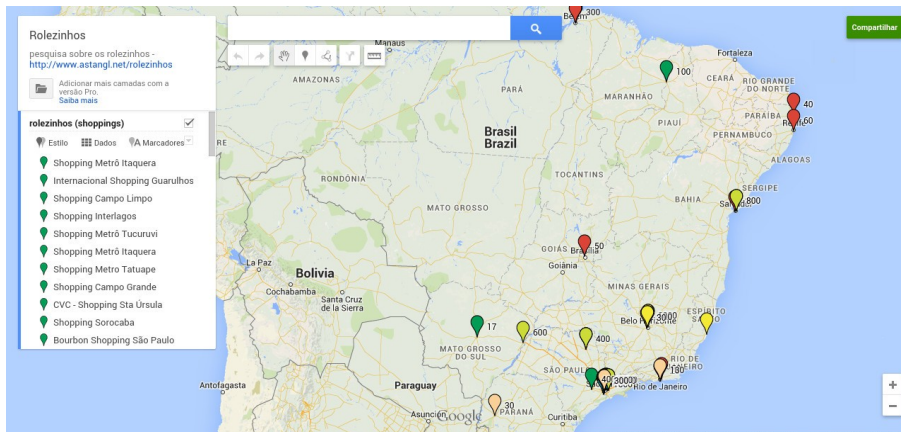
14 Ver <http://ideas.scup.com/pt/index/estudo-a-onda-do-rolezinho-nas-redes-sociais/>

15 Ver http://www.brasilpost.com.br/2014/02/04/rolezinhos-twitter_n_4724532.html

16 Para simplificar a presente ilustração das etapas da cartografia não levamos em conta a geolocalização, nem a cronologia dos outros actantes envolvidos nas controvérsias sobre os rolezinhos, além dos próprios eventos. Mas segundo o monitoramento, citado anteriormente, nas redes digitais as postagens sobre os rolezinhos estavam assim distribuídas: 32,5% em São Paulo, 14% em Rio de Janeiro, 8,6% em Minas Gerais, 7,4% em Rio Grande do Sul e 37,5% em outros Estados.

17 No período entre dezembro de 2013 e julho de 2014, principalmente para os rolezinhos originais.

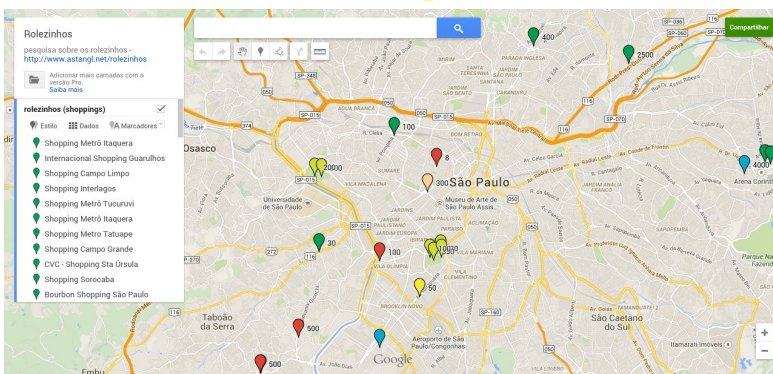
18 Disponível no site - <http://www.astangl.net/rolezinhos/>



Geolocalização Rolezinhos (Brasil)

Usando a ferramenta do Google maps engine, organizei um mapa¹⁹ com a geolocalização dos eventos e fazendo a distinção entre os 4 tipo identificados:

- 28 **rolezinhos** – ou rolezinhos originais, pra distinguir dos outros tipos. Podem ser divididos em 2 sub-tipos por localização do encontro (16 em shoppings e 12 em parques ou praças)
- 8 **pré-rolezinhos** – Alguns casos antecedem o rolezinho de 7 de dezembro, mas apesar dos eventos apresentarem as mesmas características, ainda não se usava o rotulo rolezinho para identificá-los.
- 4 **rolezinhos oficiais** – são os rolezinhos organizados com apoio da prefeitura de SP
- 13 **pós-rolezinhos** – são os rolezinhos de protesto, organizados por coletivos de ativistas geralmente em apoio aos rolezinhos originais, depois que estes passaram a ser coibidos. Mas também existem casos que usam como estratégia a invasão de shoppings para chamar atenção para suas pautas, como por exemplo o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto. Em geral esse tipo de rolezinho atrai um número consideravelmente menor de participantes. movimentando até agora mais ou menos 1.400 militantes.



Geolocalização Rolezinhos (São Paulo)

No período estudado a maioria dos eventos ocorreu em São Paulo, tanto na capital como no interior. Mas pode se notar a expansão do fenômeno por

¹⁹ Disponível no site - <http://www.astangl.net/rolezinhos/>

outras capitais e cidades do interior. No entanto, esse levantamento quantitativo²⁰ tem a limitação de depender da repercussão, quase sempre negativa dos eventos na grande mídia. Encontros com apenas 30 jovens podem ser noticiados como rolezinhos, desde que ocorra algum tipo de conflito, seja com a administração do shopping, seja com outros grupos. Porém se o encontro não gerar nenhum tipo de desconforto, não será noticiado e dificilmente conseguiríamos cartografar.

Passo 6 – Fronteiras

Basta um rápida olhada nos comentários das principais reportagens ou vídeos sobre rolezinhos para ver várias manifestações de agressividade e repulsa, muita vezes motivada pela associação dos rolezinhos com estilo musical do Funk Ostentação. Mas uma análise mais detalhada da rede dos envolvidos na controvérsia sobre os rolezinhos, identifica que muitas vezes o maior risco para os jovens são os outros jovens. Como foi o caso do Lucas, apontado como o criador do famoso rolezinho de 7 de dezembro, morto numa briga em uma festa (fluxo) de funk na periferia.



Passos 7 – Micro-discursos e 8 – Macro-discursos

Ao lado algumas das palavras-chaves do debate, a partir da leitura das principais reportagens e dos textos opinativos sobre os rolezinhos²¹.

20 Na listagem dos eventos identificados até agora foram levados em conta apenas o eventos que aconteceram, assim foram desconsideradas as tentativas desarticuladas, seja por terem a página do evento no Facebook censurada, seja por algum tipo de repressão na entrada dos shoppings ou parques.

21 Na presente visualização, ainda não estão incluídas as postagens dos jovens nas redes digitais, pois este será o tema de outro artigo específico.

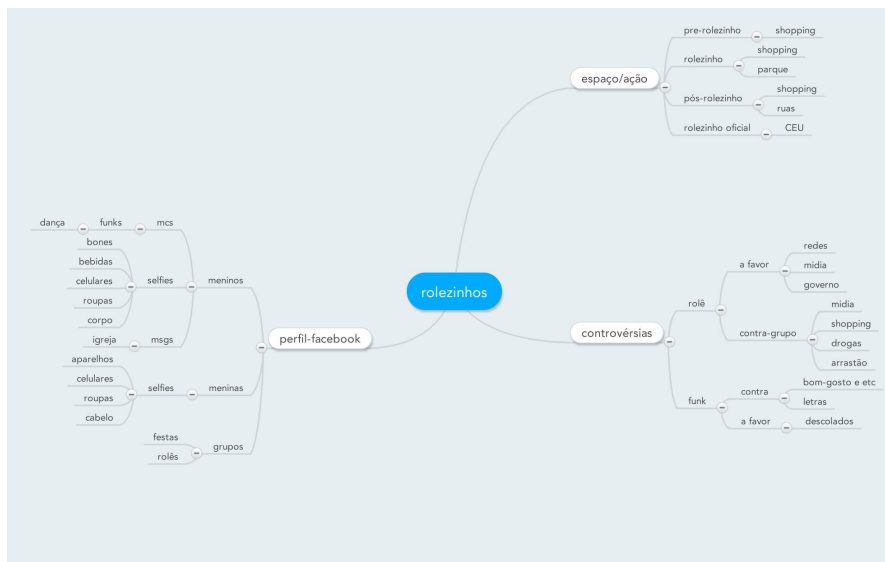
Passos 11- Acervo e 12- Apresentação

A melhor forma de apresentar e organizar um acervo sobre o tema de uma cartografia é fazer um site, assim no endereço <http://www.astangl.net/rolezinhos/> estão as reportagens, imagens, vídeos e artigos acadêmicos reunidos até agora sobre a controvérsia investigada.

Passos 4 – Diagrama ator-rede e Passo 5 – Desdobramentos

Fazendo algumas observações preliminares sobre o fenômeno dos rolezinhos, uma característica interessante, é o fato do rótulo “rolezinho” só ganhar relevância quando passa a ser propagado nos jornais. Eventos anteriores que apresentam as mesmas características dos rolezinhos são chamados de confusão, arrastão, tumulto, quebradeira e invasão. Mesmo depois da propagação do termo, muitos jovens participantes dos rolezinhos pareciam estranhar o rótulo. Agora até grupos oficiais de rolezinhos têm seus representantes dialogando com o governo.

Tentando diagramar os actantes dos rolezinhos, a primeira associação a chamar atenção é a relação espaço/ação: os rolezinhos ocorrem em shoppings e parques. Já os rolezinhos de protesto só



ocorrem em shoppings, os pré-rolezinhos também. Enquanto os rolezinhos oficiais nunca ocorreram em shoppings.

Atuam nos rolezinhos de São Paulo os *selfies* dos famosinhos em suas *timelines*, o uso de marcas de grife, o suposto consumismo, as danças masculinas, o uso de

celulares para tocar *funk* sem fones de ouvido, os bonés de aba reta, os aparelhos de dentes, as brigas e os chavecos.

Sem dúvida, o elemento que mais chama atenção é que o rolezinho só é possível com a

ajuda das redes digitais, mas também seria impossível sem a rede elétrica, os sistemas de transporte, e espaços como os shoppings ou parques. Encontros de jovens sempre existiram, mas não com a rapidez que permite reunir quantidades tão expressivas ao mesmo tempo em um lugar, ao ponto de causar estranheza e receio no tecido social. Arrastões e flashmobs são fenômenos que guardam alguma semelhança com os rolezinhos, mas ouvindo os envolvidos é possível notar que não existe a princípio a intenção desestabilizadora que parece estar na raiz destes. Os rolezinhos não têm rumo, nem cartazes, não se deslocam para uma direção específica como os protestos²². Os rolezinhos lembram mais algo como o *Project X Haren*²³, que em 2012 reuniu milhares de jovens em uma cidadezinha da Holanda convidados via Facebook para o aniversário de uma garota. A não intencionalidade de causar confusão parece ser diretamente proporcional à vontade de se divertir presencialmente com seus “um milhão de amigos” virtuais. Uma derivação dos encontros de fãs, uma tietagem sem a histeria e o distanciamento dos ídolos midiáticos, uma multidão que mesmo sem fazer nada, assusta por ser multidão.

Conclusão

Um termo sobre o qual, por sinal, ainda não existe um consenso quanto ao significado²⁴. O rótulo “rolezinho”²⁵ aparentemente era uma apropriação jornalística, pois nem todo evento rotulado como rolezinho era reconhecido pelos participantes como sendo um “rolezinho”. Por outro lado, o uso do rótulo serviu para dar uma certa identidade aos grupos, e acabou sendo adotado pela maioria dos jovens. A forma com esse termo tem sido usado e apropriado abre questionamentos interessantes sobre o surgimento de novos termos/conceitos que tentam estabilizar fenômenos mais complexos, principalmente no campo dos estudos das culturas e das novas tecnologias de

22 Nas jornadas de junho, a mobilização no largo da Batata teve algo de um pré-rolezinho.

23 Ver: <http://en.wikipedia.org/wiki/Project_X_Haren>.

24 O dicionário Houaiss sugere alguma relação com um movimento da capoeira, ou com o termo francês que deu origem ao bife à rolê.

25 A expressão “rolê” é anterior ao fenômeno e consagrada, pelo menos, desde a década de setenta, quando Gal Costa cantou “Dê um rolê”, dos Novos Baianos. Na década de noventa, a música “Chopis Centis”, dos Mamonas Assassinas, usa a expressão: *Esse tal “Chópis Cêntis” / É muicho legalzinho / Pra levar as namoradas / E dar uns rolêzinhos*. A expressão “dar um rolê” também é usada por coletivos de pixadores para se referir ao ato de sair na noite para pixar.

comunicação.

O fenômeno dos rolezinhos apesar de guardar alguma semelhança com a ideia da TAZ e dos flashmobs, tem características próprias e, aparentemente, é uma invenção de jovens brasileiros, talvez uma versão territorial e materializada das invasões do fotologs e do orkut. Uma orkutização do espaço físico ou, como disse em uma postagem no Facebook, um dos Mídia Ninja, um tipo de ataque DdoS, mas que ao invés de derrubar algum site por excesso de acessos, “derruba” algum espaço físico com outro tipo de excesso. É interessante observar que o fenômeno inspira muitas metáforas, alguns chegam a interpretá-lo como um novo tipo de cultura. Inclusive, setores do governo tentaram dialogar e apoiar supostos representantes dos rolezeiros. Por outro lado, prevalece a criminalização dos jovens, que recentemente estão sendo até impedidos de frequentar alguns shoppings sem o acompanhamento dos pais.

Sem dúvida, a Cartografia é uma forma interessante de abordar esses fenômenos, que envolve em uma controvérsia, até então inédita, as redes sociais (Facebook, Twitter), espaços físicos (shoppings, parques), smartphones com acesso 3g, os jornais e a grande mídia (onde os cadernos de cultura acabam por contaminar as editoriais de política e de polícia), jovens supostamente “alienados” e “consumistas”, ativistas, militantes de partidos, donas de casa, marcas de grifes, donos de shoppings, funkeiros, etc.

A cartografia pode ajudar a desenhar o mapa das redes envolvidas no debate sobre a controvérsia dos rolezinhos e assim ampliar a forma de ver o fenômeno em suas perspectivas diversas. Sem a necessidade de tentar explicá-lo, ou fecha-lo em alguma caixa-preta pre-definida, o que poderia reduzi-lo a apenas uma de suas multiplas possibilidades interpretativas, como o caso das análises que “explicam” os rolezinhos como questão policial, de classe ou racial. Se tomarmos o cuidado de ouvi-los, sem reduzi-los antecipadamente, partindo da cartografia podemos identificar rumos para análises mais complexas e com ajuda de outros instrumentos, como a etnografia por exemplo, quem sabe ajudar a todos envolvidos na difícil e apaixonante tarefa da convivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LATOUR, Bruno. **Biografia de uma investigação**. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012a

_____. **La cartographie des controverses**. In Technology Review, N. 0, pp. 82-83, 2007

_____. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LEMOS, A. **A Comunicação das coisas** – teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013d.

SZTUTMAN, R.; LATOUR, B.; MARRAS, S. Por uma antropologia do centro: entrevista com Bruno Latour por Renato Sztutman e Stelio Marras. **Mana: estudos de antropologia social**. Rio de Janeiro, 2005.

VENTURINI, T. Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory. **Public Understanding of Science**, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

VENTURINI, T. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. **Public Understanding of Science**, London, v. 21, n. 7, p. 796-812, 2012.